

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE ABRIL DE 1981



European Nazarene
Bible College
Library



aparições que alegram

Sempre envoltas em mistério ouvem-se, aqui e acolá, notícias de aparições. Ora são fantasmas que apavoram; ora são seres furtivos que se insurgem na rotina de algumas vidas, com finalidades questionáveis.

Fantasmas povoam noites de velhos palácios, casarões antigos, prédios solitários. Amantes de penumbra e de sombras, raramente se aventuram à luz do dia.

A designação geral de *aparições* não será tão adequada para o fenómeno. Há tanto que nos fica oculto nessas ocorrências, que elas deixam sempre mais perguntas que respostas.

Fala-se, também, das aparições do Senhor Jesus Cristo, após a Sua morte. Alguém do primeiro grupo que O viu à distância, gritou com medo: "É um fantasma!"

Seria mais um a acrescentar ao rol de criaturas misteriosas deslizando na noite de prédios antigos?

Não! Desta vez, a aparição era diferente. Tinha formas distintas, facilmente identificadas. Tinha substância e podia ser tocada. Comia e falava com naturalidade. Não infundia terror, mas extraordinária alegria. Não era uma projecção imaterial em *flashes* de segundos, mas uma presença que se deixou apalpar. Conviveu com o povo por quarenta dias consecutivos.

Se as aparições de espíritos nos deixam perturbados, as de Jesus trouxeram júbilo. Deram uma dimensão nova à existência, pois frustraram para sempre as barreiras da morte. Abria-se a todos a perspectiva de sobreviver ao túmulo. Cada aparição de Jesus Cristo documentou não apenas a Sua vitória pessoal sobre a morte, mas a autenticidade da promessa de que por Ele viveremos eternamente.

Regra geral, fantasmas e os chamados "espíritos" se ligam ao passado. São ecos de tempos que já foram. Jesus abriu a porta do futuro. Em Actos dos Apóstolos, Lucas diz-nos que o Senhor falava "do que respeita ao reino de Deus" (1:3). Continuava, depois da experiência do Calvário, o tema que sempre O acompanhara: franquear a cada um de nós a entrada nesse reino. Só que, agora, a hipótese romântica e rotulada de impossível, ganhava autenticidade e se tornava tão palpável como Seu corpo vivo.

Lucas, um médico que no capítulo 23 do seu evangelho declarou que Jesus expirou—entidade competente que era para assinar um bilhete de óbito—, faz uma declaração espantosa. Referindo-se ao Senhor, diz: "Ele se apresentou vivo!" (Actos 1:3). E, como que a adivinhar o assombro e a incredulidade do leitor, acrescentou: "Com muitas e infalíveis provas".

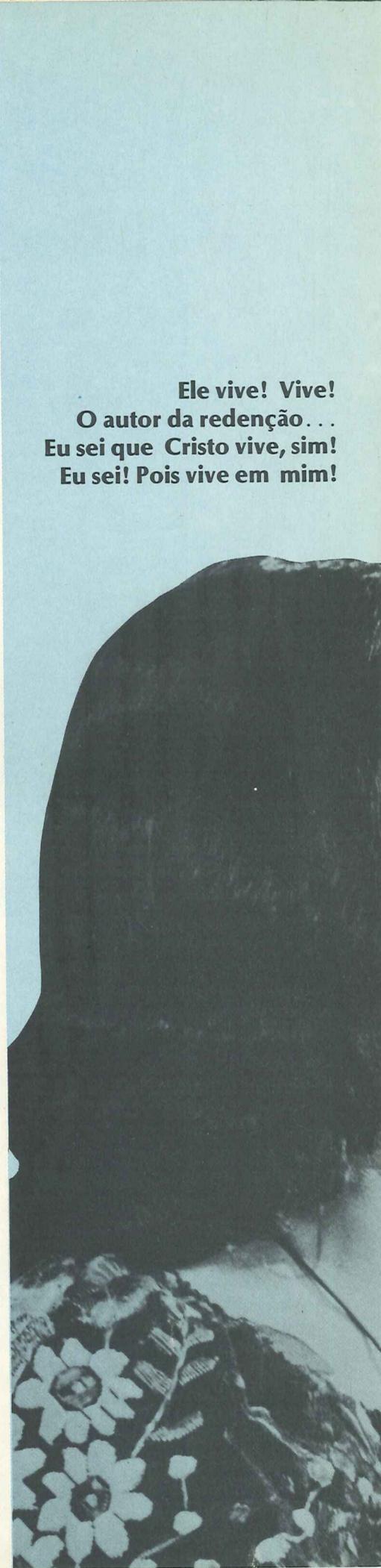
A pluralidade de aparições mencionadas poderia, num sentido, servir apenas para aumentar a frequência de relatos de fenómenos misteriosos. Só que, desta vez, tudo se passou à luz de muitos dias e houve *provas infalíveis* do acontecimento. Tão infalíveis que ainda se encontram vivas e palpitantes no mundo de hoje. A mensagem de luz que chega agora ao coração é que Ele vive! Ecoa por todo o mundo a palavra dos discípulos: "Ressuscitou verdadeiramente o Senhor!"

Porque Ele vive, já não temos necessidade de investigar provas confinadas a tempos idos e concluir, pela sua profusão, que Jesus teria ressuscitado.

O milagre da Páscoa é permanente e contagioso. Os que param para o investigar, descubrem a maior de todas as revelações. Mais que documentos antigos a proclamar a ressurreição de Jesus Cristo, espera-os uma experiência individual palpitante de certeza. Como Ele próprio disse a uma mulher até então descrente: "Não tenhas medo. Sou eu". □

—Jorge de Barros

**Ele vive! Vive!
O autor da redenção...
Eu sei que Cristo vive, sim!
Eu sei! Pois vive em mim!**



ELE VIVE!

—Orville W. Jenkins

Mais uma vez os olhos do Cristianismo se fixam no túmulo vazio para além dos muros da cidade de Jerusalém. O selo romano quebrado, a pedra da entrada removida, o túmulo vazio e os panos dobrados são testemunhos mudos que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Ele vive!

Alguns daquele tempo e outros de hoje dizem que os discípulos roubaram o Seu corpo e inventaram a história da Sua ressurreição. Mas lembremo-nos das promessas que Ele fez de Si mesmo sobre Sua ressurreição

—“E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas ao terceiro dia ressurgirá” (Mateus 20:19).

Também temos o testemunho daqueles que O viram depois da Sua ressurreição. Na manhã de Páscoa, enquanto permanecia perto do túmulo vazio, Maria Madalena viu-O e, pensando ser o jardineiro, disse: “Senhor, se tu o tiraste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni! que quer dizer, Mestre. Então saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor!” (João 20:15-16, 18).

Mais tarde naquele mesmo dia de Páscoa, Cléofas e outro discípulo iam a caminho de Emaús, quando se aproximou alguém que eles não reconheceram. Durante a viagem de Jerusalém a Emaús os três falaram sobre

os acontecimentos da crucificação. Quando chegaram à aldeia para jantar “abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes. E disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração, quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?” (Lucas 24:31-32).

Na noite de Páscoa quando os discípulos estavam escondidos com as portas trancadas, algues em Jerusalém, “chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco. E, dizendo isto, mostrou-lhes as suas mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor” (João 20:19-20).

No Pentecostes o apóstolo Pedro declarou: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas” (Actos 2:32). O único modo de explicar como estes cristãos deixaram de ser covardes e medrosos para serem corajosos, crendo e proclamando-se discípulos, é a ressurreição de Cristo em seus corações pelo poder e morada do Espírito Santo.

Ao longo dos séculos, reinos e poderes deste mundo se têm levantado e caído. Descrentes e ateus têm tentado destruir ou atrofiar a fé cristã, mas a Igreja tem resistido. A única forma de explicar a sobrevivência e o crescimento do Cristianismo até hoje é o Cristo vivo, habitando nos corações do Seu povo.

Alegremo-nos nesta Páscoa porque Ele vive. Fomos redimidos do poder e do domínio do pecado e do mal; as nossas vidas foram transformadas por Jesus que vive em nós.

Milhões de crentes à volta do mundo unem-se em coro para declarar: *Ele vive! Vive! O autor da redenção. . . Eu sei que Cristo vive, sim! Eu sei! Pois vive em mim!*

□

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X
15 de Abril de 1981
Número 8

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Foto por Horácio Novaes, Portugal.

ano do
Ministro

4 (116) 15 de Abril de 1981

pacote imaginário

Salmo 37:5

—J. D. Hull

ENTREGA O TEU CAMINHO AO SENHOR.

Põe dentro dum pacote imaginário
Tuas necessidades e haveres, e marca:
"A Deus pertence".

Inclui amizades, família e a ti.
Finalmente, inclui teu próprio futuro
—Até o próximo passo que pretendes
dar.

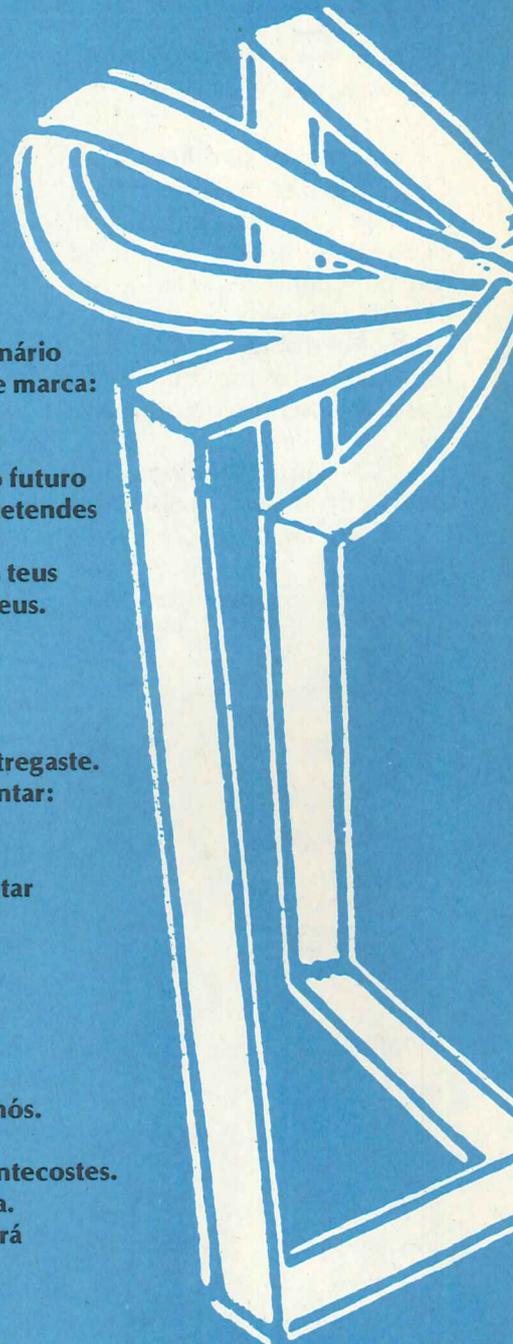
Põe, agora, de parte os planos teus
E entrega tudo nas mãos de Deus.
Na sua totalidade e essência.

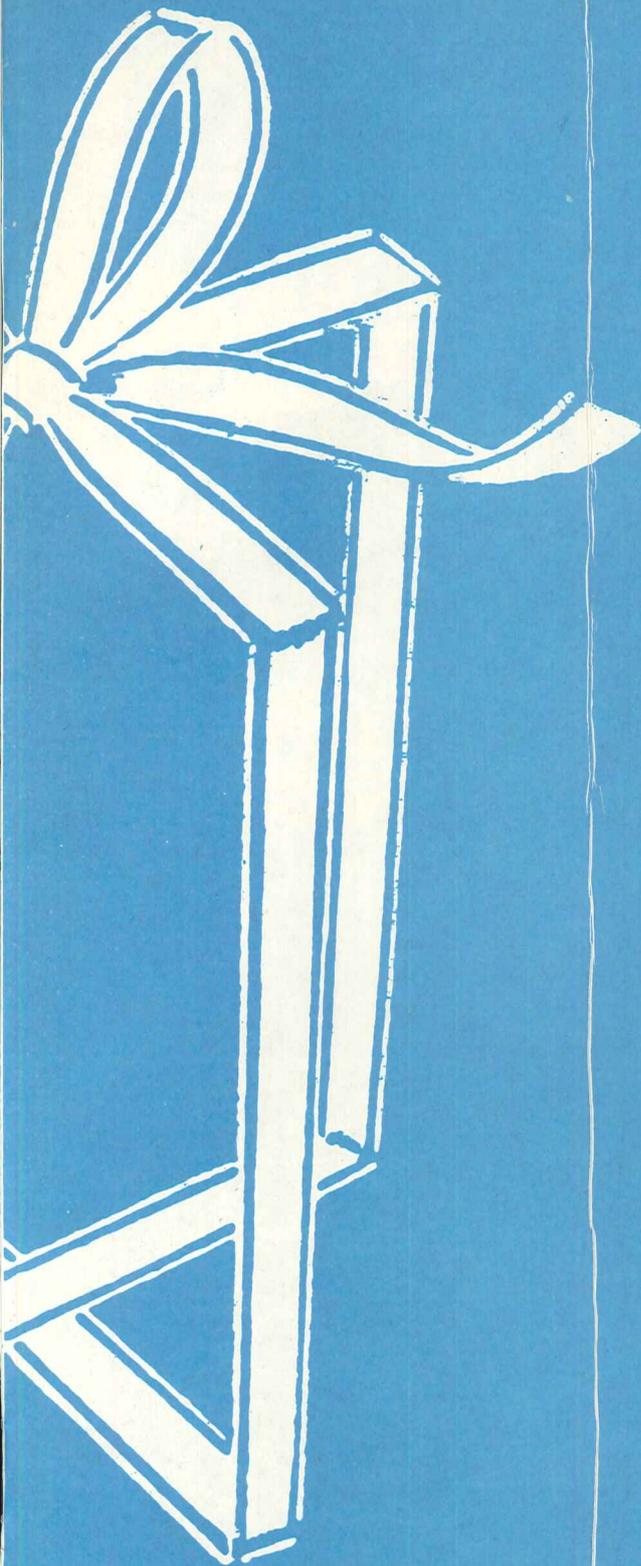
CONFIA NELE.

Deixa tudo ao Seu cuidado.
Nada retires do que já Lhe entregaste.
Nem sequer necessitas perguntar:
"Senhor, podes Tu cuidar
Da minha vida?"
Ter confiança significa depositar
Tua vida—nas mãos de Deus.

E ELE TUDO FARÁ.

Deus é poderoso!
Do nada criou Ele o mundo.
Ele quebrou as leis naturais,
Se fez Homem e viveu entre nós.
Sua tumba vazia está
E, por causa d'Ele, existe o Pentecostes.
Seu infinito Amor nos ampara.
E é bem certo que Ele tudo fará
A nosso favor. □





PRÓXIMO ORIENTE: NOVO DESAFIO

Há anos
visitei o
Próximo
Oriente na
companhia

da minha esposa.

Vários países se
encontravam em conflito
com Israel. A cidade
de Jerusalém estava
dividida entre a
Jordânia e Israel.

Para se ir de Amã até

Jerusalém era forçoso passar-se primeiro por Atenas e Telavive.

Em 1966 tínhamos apenas dois lugares de pregação na cidade santa. No domingo que lá passámos a assistência foi fraca. Nessa região o trabalho evangélico é difícil.

Na igreja de Amã assistiram ao culto 35 pessoas. Fiquei um pouco desanimado.

Volvidos treze anos, ao regressar, tive agora novo estímulo de optimismo. A estada foi curta, mas chegou para dar uma ideia do nosso trabalho no Próximo Oriente.

O director da Missão em Jordânia reuniu à minha chegada os cinco pastores. A recepção foi na casa dum deles que tinha estudado no Colégio Bíblico Nazareno Europeu. Preferiu trabalhar entre os seus, a ficar na Alemanha. De passagem por uma igreja, soube que os jovens do distrito eram cerca de 250. A igreja deste país é essencialmente jovem.

No dia seguinte levaram-me ao monte Nebo onde, segundo a Bíblia, morreu Moisés. Mas o que me atraiu mais foi o bom testemunho dos jovens pastores.

Depois, soube em Jerusalém, pelo missionário Earl Morgan, que há poucos adultos na sua congregação. Mas contam com cinco Escolas Dominicais frequentadas por muitas crianças. O Evangelho está a ser difundido em seus corações. Principalmente em Nazaré, há um bom núcleo de meninos e adultos que auguram tempo próspero para a nossa igreja.

Na Palestina passei quase três dias, mas ganhei novo conhecimento sobre o nosso trabalho: há progresso, a igreja cresce, o espírito da nossa gente é indomável, o futuro é promissor— a despeito de lutas políticas, do conservantismo religioso, do pecado e da incerteza espiritual.

Nas nossas orações recordemos estes verdadeiros heróis do Cristianismo que, sem temor, enfrentam perigos para alcançar a salvação de crianças, jovens e adultos na terra onde, asseguram as profecias, “mana leite e mel”. □ —H. T. Reza

O apóstolo Tomé pertencia ao grupo dos "incrédulos anônimos". Não se trata propriamente de organização, embora conte com um bom número de filiados.

O anonimato é imprescindível, pois ainda hoje se condenam as pessoas que duvidam ou desconfiam, mesmo tratando-se de dúvidas sinceras.

Por isso é que Tomé ficou com o apelido de "incrédulo". Mas é injusto. Ele apenas queria estar certo. Sempre calculava o custo. Abrigava dúvidas, mas não possuía incredulidade desafiante.

Certas dúvidas opõem-se a Cristo e à fé. Por vezes são máscaras para uma vida artificial: como espuma que se acumula numa represa de água sem saída.

Às suas negações os cépticos chamam dúvidas. Mas não passam de orgulho disfarçado!

As dúvidas de Tomé eram sinceras.

Tennyson defendeu os "incrédulos anônimos" quando afirmou: "Há mais fé nas dúvidas genuínas que em metade das declarações de fé".

O evangelho (João 20:21) diz: "Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus". Se alguém se atreve a condená-lo, faça-o pela sua ausência e não pelas dúvidas. Tomé era pessimista, pensava que com a morte de Jesus tudo tinha acabado. Andava só e isso é perigoso; sobretudo, quando existem dúvidas. Ele vira o Senhor crucificado e o Seu corpo traspasado. Mas a ressurreição mudou por completo os acontecimentos.

Tomé foi sincero na sua declaração. Não recusou crer. Apenas, ter a evidência que os outros possuíam.

As dúvidas são como certas doenças; é preferível que o vírus venha à tona para melhor tratamento. As dúvidas reprimidas convertem-se em neurose. Na igreja precisa-se de completa honestidade para ajuda mútua.

Todos temos dúvidas. Não são contrárias à fé; são sua parte inferior. A fé genuína encerra dúvidas.

Um pai pediu a Jesus que Se compadecesse do filho lunático. Depois de algumas palavras, acrescentou:

"Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade" (Marcos 9:24). Tanto o incrédulo como o crente, o pastor como o membro da congregação, duvidam; mas também crêem.

A fé inactiva carece de valor. Ela não

incrédulos anônimos

—Jerry W. McCant



consiste em "crer o que se reconhece incerto", mas crer apesar das dúvidas. A maior parte da vida passamo-la no monte da Transfiguração e o resto no vale da dúvida. Até na fé genuína há possibilidade de dúvidas.

“Crer facilmente” não era o caso de Tomé. Ele era inteligente; sabia que a fé não é sinónimo de magia, como quando um coelho aparece debaixo dum chapéu. Aquele que não duvida está mais propenso a perder a fé.

Esta é uma luta de vitória contra a dúvida. Nasce quando confiamos em Deus, embora Ele nos pareça decepcionar.

Desconhecemos a providência até nos assaltar uma tragédia. Só se aprecia o amor divino quando perguntamos: “Está Deus também contra mim?” O louvor é oco até sermos tentados como Jó a acusar loucamente o Senhor. A fé crê apesar das dúvidas!

Quando Jesus apareceu de novo aos discípulos, Tomé estava presente. Estão o Mestre desafiou-o: “Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos” (João 20:27).

Os sinais dos cravos estavam bem marcados; as feridas, ainda bertas. Porém, não se menciona em parte alguma das Escrituras que Tomé tocasse o corpo do Senhor. Ele viu-O e isso lhe bastou. As nossas dúvidas não se dissipam com outras evidências: a presença de Jesus é a que basta.

Jó obteve resposta por meio duma visão. Deus nunca lhe explicou porque sofrem as pessoas justas. Mas Jó viu Deus e disse simplesmente: “Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos” (Jó 42:5). Nos nossos momentos de dúvida precisamos duma *visão do Senhor!*

Às vezes Satanás acusa-nos de apóstatas, quando nos surpreende duvidando. Sejamos corajosos; todos os homens de Deus as experimentaram. Abraão duvidou de Deus em cumprir a Sua promessa; procurou agir por conta própria. Moisés não acreditava que Deus soubesse o que estava a fazer. Entretanto, encontra-se na lista dos heróis da fé em Hebreus 11. Há mais esperança para a pessoa com dúvidas sinceras que para aquela que se sente segura.

“Senhor meu, e Deus meu”, exclamou Tomé. No Novo Testamento ninguém fez uma confissão mais sincera e grandiosa. No entanto, continuamos a chamá-lo “Tomé, o incrédulo”. Terá nossa fé progredido como a dele? Passemos das dúvidas a uma fé vital e genuína. □

Lucas, o médico amado e o único autor gentio do Novo Testamento, apresenta no capítulo 24 do evangelho que leva o seu nome uma exposição clara da ressurreição. O cenário desse milagre continua a ser preferido. Os turistas que visitam a Terra Santa descobrem facilmente que da porta que dá para Damasco, ao norte da antiga muralha da cidade de Jerusalém, se avistam três pontos históricos relacionados com nosso Senhor Jesus Cristo: Getsemane, Calvário e a tumba vazia.

No Evangelho de Lucas a primeira bênção da Páscoa é a verdade de Jesus ter ressuscitado da morte e o *sepulcro vazio*. Lemos nos versículos 2-3: “Acharam a pedra revolvendo do sepulcro. E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus”. Também Lucas observara a tumba que se encontrava vazia! “Ressuscitou verdadeiramente o Senhor!” Em Apocalipse 1:18, o apóstolo João dá ênfase à ressurreição: “O que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém”.

A segunda bênção da tumba vazia consiste em *revelar o segredo* (vs. 9-14). Devido à cegueira espiritual dos homens, o ministério de Cristo tinha sido enigmático. Eles não conseguiram compreender o Homem-Deus nem a Sua mensagem redentora. Com o túmulo vazio revelara-se o segredo. Jesus ressuscitou verdadeiramente. Não mais trevas. O Filho de Deus comprovara a Sua identidade e natureza divina.

A terceira bênção radica no *abrir das Escrituras*. “Quando nos abriu as Escrituras” (v. 32). Jesus aproximara-Se de dois homens que iam a caminho de Emaús. A Sua conversa encontra-se no v. 27: “E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras”. A Bíblia converte-se em novo livro para aqueles que creram a aceitaram Jesus como seu Senhor e Mestre. A vida oferece muitos problemas, mas a Bíblia tem respostas adequadas. As Escrituras foram abertas; Jesus revelou-Se através do poder da palavra impressa.

A quarta bênção da ressurreição é o milagre de lhes *abrir os olhos*. “Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes” (v. 31). No mundo nada

sete bênçãos da páscoa

—C. T. Corbett

poderá abrir os olhos como uma revelação de Cristo. Só então a maldade será maldade e a bondade será bondade; a convicção divina nos guiará pelas perplexidades da vida. Quando os olhos adquirirem nova visão, o homem é remido e sua vida transformada para se unir ao amor divino. Este passo traz paz e conforto ao coração. Quando fixamos o olhar em Cristo, recebemos verdadeira perspectiva e graça abundante.

A quinta bênção relaciona-se com *compreensão*. "Então abriu-lhes o entendimento, para compreenderem as Escrituras" (v. 45). Vencer a superstição, as dúvidas e o temor em captar a verdade e o poder da ressurreição de Cristo, não tem sido tarefa fácil. Descobrir os enganos do entendimento requer revelação divina; Ele supre as nossas necessidades.

A sexta bênção é a mensagem do *coração ardente*. Verso 32: "Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava?" Sem dúvida que a missão de Cristo foi tocar o coração humano, pois aqui se encontra o verdadeiro centro de todos os afectos da vida; se situa o manancial da alma. Martinho Lutero sentiu este toque divino enquanto subia os degraus de penitência na antiga igreja de Roma. Então ecoaram no seu ser estas palavras: "O justo viverá da fé" (Romanos 1:17). Esta gloriosa experiência também fascinou João Wesley quando em Aldersgate sentiu "calor estranho" no seu coração. Graças a Deus pela tumba vazia e pela experiência do coração ardente que supre as necessidades da humanidade.

A sétima bênção baseia-se no *céu aberto*. "O Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus" (Marcos 16:19). Com as bênçãos da Páscoa do sepulcro vazio, a revelação das Escrituras, os olhos e o entendimento abertos, concretizou-se um propósito divino; mas a suprema razão é apontar o céu aberto para quantos seguem Jesus. Esta foi a finalidade principal do Redentor. Ele dirige-nos através da angústia do Getsemane e do Calvário; e por entre o resplendor da tumba vazia. Sejamos vitoriosos. "Tudo quanto tem fôlego, louve ao Senhor" (Salmo 150:6).

RESSURREIÇÃO

—Gilberto S. Évora

Encontrava-me na cidade de Jerusalém a participar de um culto realizado junto ao túmulo vazio de Jesus. Aquela manhã tinha um significado extraordinário. Havíamos transitado a célebre Via Dolorosa, demoramo-nos um pouco no lugar chamado Litóstrotos, onde Jesus foi julgado por Pilatos, peregrinamos até ao Gólgota para depois, nessa romagem de fé, pararmos junto ao horto.

Percorremos o mesmo caminho que Jesus percorrera, respiramos o ar que Jesus respirara, pisamos as pedras que Ele pisara, as mesmas ladeiras, os declives, nessa jornada de evocação e reflexão. A dor do Mestre, as injustiças dos homens, a crucificação cruel e a morte afrontosa do Rabi da Galileia, a aparente derrota, tudo dominava o nosso pensamento até quando a voz do Pastor Moutinho soou cantando e nós também com ele:

"Morto Ele não ficou! . . .

Triunfante Cristo Ressurgiu! . . .

A vitória sobre a morte ali ganhou

E no Céu vitorioso, Cristo entrou.

Ressurgiu! . . . Ressurgiu! . . .

Aleluia, ressurgiu!

Era a Páscoa para a nossa alma. Era a certeza para a nossa fé. Era a esperança para a nossa crença. Bendita Páscoa que não é celebrada apenas anualmente mas todos os dias da nossa vida nesse morrer e ressuscitar.

Bem sabemos que "se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé". E ainda "Se esperarmos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens". Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem" (I Cor. 15:19-20).

Jesus é o dono da Páscoa, melhor, Jesus é a própria Páscoa.

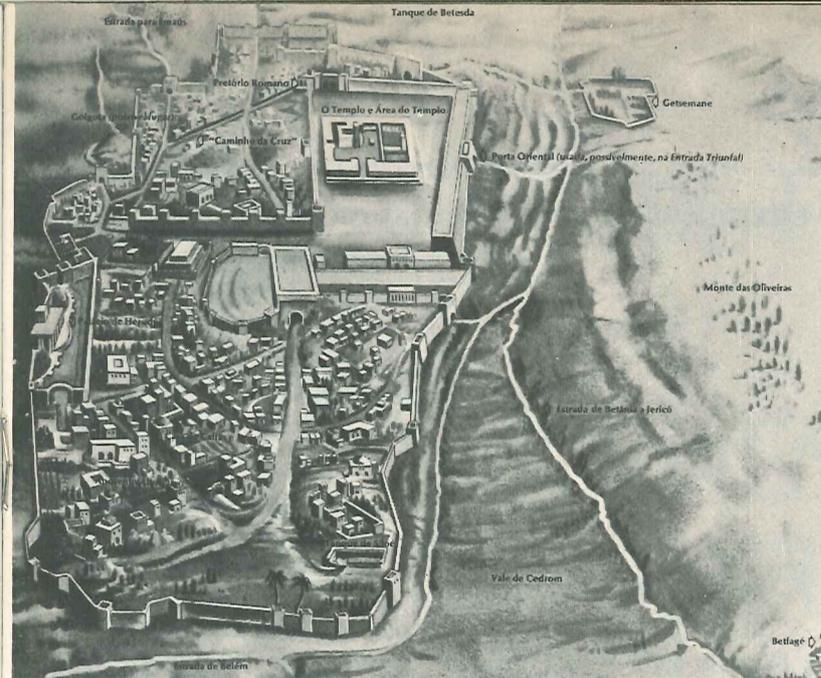
Páscoa é essa força renovadora que nos possibilita a vencer os embates da vida. Esse poder que nos reveste de trajes inconsúteis neste mundo de destroços. Vitamina que nos faz "firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o nosso trabalho não é vão no Senhor" (I Cor. 15:58). Firmes e constantes porque amamos e servimos um Jesus vivo e presente. Firmes e constantes porque não foram as regras de uma igreja que nos atraíram, mas Cristo ressurreto. Não escolhemos um caminho fácil, pois de Deus se aproxima por um caminho difícil, sobre o qual somos testados, o caminho da Páscoa.

Quando se transita para Deus, os homens maus organizam sempre um tribunal. Páscoa é silêncio. Jesus guardou silêncio ante o tribunal iníquo e perante falsas acusações. No final as palavras torpes e falsas serão julgadas.

Páscoa é Festa—embora se pressinta o beijo de Judas tentando a nossa morte por caminhos da ignomínia e traição.

Páscoa é Vitória—apesar da espadada cruel do romano sequioso de sangue. Lembremo-nos que fere e doi mais a espadada verbal e de mãos fraternas (Jó 19:34).

Páscoa é Recompensa—Uns ferem e outros curam. Nicodemos faz parte dos muitos que esperam oferecer flores na



hora da morte, chegar com perfume para os ferimentos do "morto". A Bíblia diz que ele chegou com quase cem arráteis dum composto de mirra e aloés (João 19:39).

Páscoa é Carregar a Cruz—Uns pensam em lugares cimeiros da direita e esquerda de Jesus. Não é posição, é a consagração e renúncia pessoal para um grande empreendimento d'Ele com uma cruz. Haverá sempre um Simão Cireneu em qualquer esquina ou beco para nos aliviar a carga.

Páscoa é Dom de Saber Cantar—O amigo, o companheiro, apesar do aviso, no bocado molhado, foi teleguiado e manobrado pelo príncipe das trevas e vendeu por uma ninharia o *Bom Amigo*. Todavia um hino soou na noite. Quantas vezes somos negociados por amigos que muito nos devem, a vendilhões que não traficam com dinheiro mas pagam com bajulação barata.

Bendita Páscoa, Páscoa do Senhor!

Páscoa é ressurreição diária. A Bíblia diz: "Portanto se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra" (Colossenses 3:1-2). É tempo durante o qual se deixa de ser verme rastejante no pó e nas imundícias para se tornar gente, agir como gente e viver como gente. É um transitar das trevas para a luz, do mal para o bem. Ontem cardo mas rosa hoje. Negação ontem mas certeza hoje, fel ontem mas hoje mel. Escarpas ontem mas planos verdejantes hoje.

Povo de Deus, haja uma bandeira branca no alto da nossa muralha. À cinta a espada para a defesa do nosso património sagrado porque não somos mortos mas vivos para Deus.

Que a nossa mensagem seja: "Desperta tu que dormes, e levanta-te de entre os mortos, e Cristo te esclarecerá" (Efésios 5:14).

Que o nosso viver seja um ressuscitar constante numa Páscoa de vibrante aleluia dessa força renovadora que ultrapassa a capacidade humana. Força que não é vento, que não é água, que não é fogo, mas algo misterioso que nos faz bradar "como contristados mas sempre alegres, como pobres mas enriquecendo a muitos, como nada tendo e possuindo tudo" (II Coríntios 6:10).

Páscoa é tudo! Páscoa é ressurreição na vida e na morte! □

O sepulcro vazio —Oscar Mingrance

O centro da fé cristã assenta em Cristo ressurrecto. Sem esse milagre "é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé" (I Coríntios 15:14). Esta verdade nos tem levado através dos séculos a falar da glória do sepulcro vazio como tema real e atraente. O túmulo que recebera na tarde de sexta-feira o corpo exânime do Redentor, na madrugada de domingo apenas continha os panos e o sudário como testemunhas mudas do milagre consumado.

Examinando os acontecimentos com consciência vemos que só a sua autenticidade lhe tem dado vida ao longo dos anos. Inspirou os autores dos evangelhos cuja experiência ao lado do Mestre foi transmitida nos seus escritos.

Fechemos os olhos e imaginemos que a ressurreição não se concretizou; que os acontecimentos narrados pelos evangelistas foram uma farsa urdida pelos discípulos para angariar adeptos; e que o mundo do nosso tempo o descobrisse. Que aconteceria?

Milhares de igrejas fechariam as portas. Orfanatos, asilos, hospitais, escolas, oficinas e outras instituições filantrópicas deixariam de existir. Milhões de almas, além de perder a esperança, sentir-se-iam assustadas e confusas.

Mas permaneçamos tranquilos. Foi apenas um pensamento fugaz e fictício para nos ajudar a ver o que se passaria no mundo se naquele domingo, primeiro dia da semana, como narram as Escrituras, a tumba não se encontrasse vazia.

Teremos provas da ressurreição e da sua realidade? Claro que sim. Estava profetizada muito tempo antes na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos, segundo declaração do próprio Jesus. Se tantas profecias se cumpriram em Cristo, por que não esta?

Além disso, há outro acontecimento significativo de importância transcendental para nós. A Palavra de Deus, isto é, a narração bíblica, afirma nos quatro evangelhos que Jesus apareceu com provas concludentes a muita gente. Talvez

nós fizéssemos de forma diferente. Iríamos ter com Pilatos, Caifás ou algum dos fariseus mais importantes do sinédrio para lhes dizer: "Duros de coração, vedes que a profecia da ressurreição se cumpriu em mim?"

Mas não. Jesus procedeu de modo diverso. Apareceu unicamente aos Seus discípulos, aos Seus amigos. Temos certeza que Jesus ressuscitou e que a tumba vazia é a gloriosa mensagem do cristão! □

SEMANA DE PAIXÃO (Semana Santa)

DOMINGO (Domingo de Ramos)	ENTRADA TRIUNFAL (Mat. 21:1-11; Mar. 11:1-11; Luc. 19:29-44; Jo. 12:12-19)
SEGUNDA	(1) MALDIÇÃO DA FIGUEIRA (Mat. 21:18-19; Mar. 11:12-14)
	(2) PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (Mat. 21:12-17; Mar. 9:15-19; Luc. 19:45-46)
TERÇA	(1) ENSINAMENTOS EM JERUSALÉM (Mat. 21:28-23:39; Mar. 12; Luc. 20)
	(2) DISCURSO NO MONTE DAS OLIVEIRAS (Mat. 24; Mar. 13; Luc. 21)
	(3) PARÁBOLAS DO JUÍZO (Mat. 25)
QUARTA	DIA DO RETIRO (Jo. 12:36)
QUINTA	(1) ÚLTIMA CEIA (Mat. 26:20-30; Mar. 14:17-26; Luc. 22:14-38; Jo. 13)
	(2) ÚLTIMO DISCURSO (Jo. 14-17)
	(3) GETSEMANE (Mat. 26:36-46; Mar. 14:32-42; Luc. 22:40-46)
	(4) PRISÃO (Mat. 26:47-56; Mar. 14:43-52; Luc. 22:47-53; Jo. 18:1-12)
SEXTA (Sexta-Feira Santa)	(1) JULGAMENTO JUDEU (Mat. 26:57-27:2; Mar. 14:53-15:1; Luc. 22:54-71; Jo. 18:13-27)
	(2) JULGAMENTO ROMANO (Mat. 27:11-26; Mar. 15:2-15; Luc. 23:1-25; Jo. 18:28-19:16)
	(3) CRUCIFICAÇÃO (Mat. 27:33-56; Mar. 15:22-41; Luc. 23:33-49; Jo. 19:17-36)
	(4) SEPULTURA (Mat. 27:57-66; Mar. 15:42-47; Luc. 23:50-56; Jo. 19:38-42)
SÁBADO	JESUS NA TUMBA (Mat. 27:62-66)

APARIÇÕES APÓS A RESSURREIÇÃO

- (1) A MARIA MADALENA
(Mar. 16:9-11; Jo. 20:11-18)
- (2) A OUTRAS MULHERES
(Mat. 28:9-10; Luc. 24:9-11)
- (3) A DOIS DISCÍPULOS A CAMINHO DE EMAÚS
(Mar. 16:12-13; Luc. 24:13-35)
- (4) A SIMÃO PEDRO
(Luc. 24:33-35; I Cor. 15:5)
- (5) AOS DISCÍPULOS (Tomé Ausente)
(Mar. 16:14; Luc. 24:36-48; Jo. 20:19-25)
- (6) A TOMÉ E AOS OUTROS DISCÍPULOS
(Jo. 20:26-31; I Cor. 15:5)
- (7) AOS SETE DISCÍPULOS JUNTO AO MAR DA GALILEIA
(Jo. 21:1-23)
- (8) A MAIS DE QUINHENTOS
(I Cor. 15:6)
- (9) A TIAGO
(I Cor. 15:7)
- (10) AOS ONZE (A Grande Comissão)
(Mat. 28:16-20; Mar. 16:15-18)
- (11) AOS DISCÍPULOS NO MONTE DAS OLIVEIRAS (Ascensão)
(Mar. 16:19-20; Luc. 24:50-53; Act. 1:9-12)
- (12) AO APÓSTOLO PAULO
(I Cor. 15:8)

Direitos Reservados, 1977. Casa Nazarena de Publicações.

**A luz que irradia do túmulo vazio
enxuga as nossas lágrimas e cria um arco-íris
de esperança inextinguível.**

testemunhas

—W. E. McCumber

"Jesus ressuscitou!"

Não acredito.

"Mas vimo-IO com os nossos próprios olhos!"

Vocês só pensaram que O viram.

"Não O vimos apenas uma vez, mas várias. Não de longe, mas de perto. Não de noite, mas à luz clara do dia. Não por uma pessoa, mas por grupos. Vimo-IO, comemos e falamos com Ele, ouvimo-IO e aprendemos d'Ele. Comissionou-nos a proclamar a Sua palavra e a fazer novos discípulos. Jesus ressuscitou verdadeiramente!"
Isto foi o que os apóstolos declararam como testemunhas do Cristo ressurrecto.

A princípio, a ressurreição foi negada. Tem sido sempre assim. Mas tenhamos em mente que quando os apóstolos afirmaram as novas da ressurreição, procederam como testemunhas oculares. Quando os cépticos O negam, não o fazem como testemunhas, mas como filósofos ou teólogos. Não desmentem a ressurreição baseados na evidência que a contradiz, mas nos seus pontos de vista mundanos e sua compreensão da história. Visto que a sua interpretação do universo não enquadra no milagre da ressurreição, eles dizem que não aconteceu.

Eu posso crer no testemunho dos apóstolos ou na negação desses filósofos e teólogos.

Os apóstolos não esperavam a ressurreição. A princípio duvidaram do que viam e ouviam. Mas a evidência que experimentaram influenciou e revolucionou suas vidas.

Foram atraídos por uma verdade pela qual viveram felizes, sofreram e morreram. O seu testemunho estabeleceu a Igreja e espalhou pelo mundo hospitais, escolas e lares para os necessitados.

A oposição ao seu testemunho não tem inspirado compaixão, nem vidas redimidas do pecado, nem corações esperançosos. Tão pouco eliminou os problemas que nos cercam ou aliviou as cargas humanas.

Eu prefiro crer nas testemunhas. Jesus vive! □



CRISTO, O HOMEM- -DEUS

—Manuela Chantre de Barros



Homem-Deus é uma combinação que perturba o raciocínio.

As correntes religiosas e facções filosóficas que vêm em Jesus apenas o Homem, aceitando-O como um verdadeiro herói místico, cujo mérito foi lutar até a morte pelo Ideal estabelecido; ou que advogam somente a Sua humanidade, apresentando-O como um profeta ou iluminado de Deus, negando por conseguinte, a Sua natureza divina—têm a esperança destrocada quando Jesus, o Homem, foi colocado numa tumba selada por mãos humanas.

Esses têm a esperança esma-

gada pela enorme pedra que sepultou o corpo do Mestre, crucificado por crime de blasfêmia—segundo denúncia do Seu próprio povo e com o consentimento do governo opressor de Roma.

Se essa fosse a realidade única, a história da nossa salvação teria também tido o seu fim com a última cena da crucificação.

Mas o Senhor ressuscitou!

Ao terceiro dia, depois da Sua morte, Ele rompeu, triunfantemente, as cadeias que O manietavam, porque a morte jamais terá poder sobre o Filho de Deus.

O apóstolo Paulo afirmou, com toda a convicção produzida pelo impacto do seu encontro pessoal com o Cristo Vivo:

“Se a nossa esperança em Cristo fosse limitada a esta vida apenas seríamos, sem dúvida, de toda a humanidade, os seres mais miseráveis” (I Coríntios 15:19—JBP).

Cristo ressuscitou!

Mais do que um Homem, Ele era—e sempre será—o Homem-Deus a forma humana para cumprir o plano divino da redenção da humanidade, miseravelmente caída no Jardim do Éden.

Como profetizou Isaías, cerca de 700 anos antes do nascimento de Jesus de Nazaré:

“Ele foi a ovelha levada ao matadouro” para propiciação dos pecados cometidos pelo primeiro Adão e que nos afectaram, por herança.

Ele “tomou sobre si as nossas enfermidades, foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades” para nos trazer a paz.

Ele sofreu humilhação e morte de cruz para que, “o castigo que estava sobre nós” caísse sobre o Homem de Dores.

“Fomos sarados pelas Suas pisaduras” e a Sua morte trouxe-nos a Vida Eterna.

Cristo ressuscitou!

Ascendeu aos céus, cuja glória tinha deixado por tanto nos amar, e está hoje sentado à direita do Pai, intercedendo pelos trans-

gressores, advogando a causa dos pecadores junto de Deus.

Cristo ressuscitou!

Eu creio, como Daniel, que Ele é o "Santo dos santos, o Ungido para expiar a iniquidade, selar a profecia e trazer justiça eterna".

Eu creio, como Simeão, que Ele é o cumprimento da Profecia, o "Cristo do Senhor, a Salvação de Deus"—porque n'Ele achei a minha própria salvação.

Eu creio, como o Batista, que Ele é o "Cordeiro de Deus"—porque tirou o pecado do meu coração.

Eu creio, como André, que Ele é o Messias, o Cristo a Quem achei.

Eu creio, como Natanael, que Ele é "o Filho de Deus, o Rei de Israel"—porque Ele é o Rei da minha alma.

Eu creio, como João, que Ele é o Verbo, Deus Encarnado—que me deu o poder de ser filha de Deus, porque creio no Seu Nome.

Eu creio, como Pedro, que Jesus é o Cristo, o Messias Prometido desde a fundação dos mundos, para a propiciação dos meus pecados.

Eu creio, como Tomé, que Ele é Deus, Vivo e Encarnado, ponte de ligação entre mim e o Criador—porque Ele é meu Senhor e Deus.

Eu creio, como Maria que, envolvida pelo manto de tristeza e solidão naquela manhã junto ao sepulcro, viu raiar o Sol da Esperança perdida, à voz inconfundível do "Rabboni" ressurto—porque um dia ouvi a Sua voz a chamar-me com amor e raiou o dia da redenção para a minha alma, pois fiz a entrega incondicional da vida ao Divino Mestre e Salvador.

Eu creio, sim, que "RESSUSCITOU VERDADEIRAMENTE O SENHOR".

Esta fé alicerça-se em terreno sólido: não apenas em Jesus o Homem, mas é profundamente baseada no Amor Redentor do Cristo, o Homem-Deus, meu Senhor e Redentor! □

Deus deseja a nossa santificação

—Loren W. Gould

Está você realmente interessado na pureza de coração e na inteira santificação? Tem duvidado acerca da validade dessa experiência na vida e no coração do crente?

Em I Tessalonicenses 4:3, Deus falou por intermédio do Seu servo Paulo: "Porque esta é a vontade de Deus: a vossa santificação". Longe de serem palavras dum pregador ou escritor de fama, expressam a própria voz de Deus. Trata-se de imperativo divino.

Ao mostrar a Sua vontade tão clara e definida sobre a nossa santificação, o Senhor deseja que tomemos a sério a obrigação de obedecer quanto ao alcance desta obra da graça.

A vontade de Deus é sempre um mandato; o cristão deve considerá-la como um dever pessoal.

Quem ainda não recebeu a santificação, não pode agradar plenamente a Deus; nem desfrutar das bênçãos divinas; nem da plenitude do Espírito Santo; nem servir totalmente a Deus e à Igreja.

Além disso, se o cristão não ajusta a sua vida à vontade de Deus, nem busca a inteira santificação, não se considere um seguidor de Cristo que orou em Getsemane: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42). O autêntico discípulo de Cristo deve orar a Deus da mesma forma.

Ao escrever que a vontade de Deus é a nossa santificação, o Apóstolo referia-se a uma experiência de necessidade absoluta, para que o nosso ser—"espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis, para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo" (I Tessalonicenses 5:23).

Jesus vincou a importância de obedecer à vontade de Deus: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus" (Mateus 7:21).

A Palavra de Deus registra a provisão do meio de graça pelo qual todo o cristão pode e deve ser completamente purificado e santificado. Sigamos as instruções divinas até chegar a esse maravilhoso estado de graça no coração e na vida prática.

F. B. Meyer testificou que teve de lutar consigo mesmo antes de se submeter totalmente à vontade de Deus. Finalmente disse: "Senhor, estou pronto a entregar-Te tudo o que sou—corpo, alma e espírito—para que o possuas na tristeza e na alegria, na sombra e na luz, na vida e na morte; pois serei todo Teu e para sempre". Deus respondeu à sua oração e deu-lhe vitória.

Quando o cristão reconhece que Deus deseja santificá-lo, começa a lutar interiormente até se consagrar completamente ao Senhor. Então, quanta alegria e paz se sentem quando se realiza e impera a vontade de Deus na graça santificadora! □

a dinâmica do amor

—Rob L. Staples

Gramaticalmente, a palavra amor é um substantivo. Entretanto, na prática, na vida diária do cristão, é acção contínua, voluntária e dinâmica.

A época em que vivemos está caracterizada por uma moral muito baixa, reflexo do uso que se dá na literatura, na arte e nos passatempos à palavra amor. Tal adulteração da linguagem pretende ser sinal de “libertação” e de “criatividade”.

A palavra amor pressupõe liberdade e força de criar: “Porque de tal modo Deus amou... Amarás ao próximo como a ti mesmo... Ele nos amou primeiro... Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis...” Nestes versículos o amor é acção pessoal, individual e colectiva.

Pode-se amar em geral sem amar ninguém em particular. Mas será isso proveitoso para alguém? Com quem partilhas o amor de Cristo?

João Wesley definiu a santidade como “amar a Deus de todo o coração, alma, pensamento e forças; e amar ao próximo como a si mesmo”, repetindo o mandamento (Mateus 22:37-39) de Jesus aos Seus seguidores.

Segundo ele, a santidade não é uma experiência e doutrina secundárias, mas o próprio fundamento dos ensinamentos de Cristo e da lei de Deus. O que Deus exige de nós cumpre-se em O amarmos com todo o nosso ser e ao próximo como a nós mesmos.

O amor perfeito não é só algo que se *possui*, mas que se põe em acção. Por isso o amor é activo; é obediência ao mandamento do Senhor e não apenas posse, objecto ou sentimento. É boa vontade, comunhão com Deus e com o próximo, mesmo tratando-se do “sinal distintivo do cristão”. Jesus disse: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35).

Será possível amar desta forma? Jesus disse que separados d’Ele nada poderemos fazer (João 15:5). O apóstolo Paulo acrescentou: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13).

Os cristãos da Igreja Primitiva obedeceram ao mandamento do Senhor. Por isso foram perseguidos, apedrejados, degolados, atormentados, martirizados e devorados por leões.

O mundo de então deu-lhes um nome que demonstrava todo o seu amor em acção: deu-lhes simplesmente o nome de *cristãos*. □

Foto de Religious News Service

A RESSURREIÇÃO

E, no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado.

E acharam a pedra revolvida do sepulcro.

E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam, junto delas, dois varões, com vestidos resplandecentes.

E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos?

Não está aqui, mas ressuscitou. □

—Lucas 24:1-6



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

O PODER DA SUA RESSURREIÇÃO

A ressurreição de Jesus Cristo está suficientemente comprovada. A prova não consiste na evidência histórica—mas naquilo que o apóstolo Paulo chamou: “O poder da Sua ressurreição”.

O centro do Cristianismo não se situa no Sermão da Montanha, nem nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, nem na Sua vida incomparável. Mas na cruz, na tumba vazia, no poder redentor da Sua morte e ressurreição.

Muitos sermões, livros, escritos e pensamentos têm o seu foco na cruz. A Igreja do Novo Testamento pregou sobre a cruz, mas à sombra do túmulo vazio. Façamos o mesmo se nos queremos adaptar às exigências da nossa época.

O poder da ressurreição de Jesus é o poder da vida sobre a morte. O Cristo do Novo Testamento não é o do crucifixo, mas O da cruz vazia.

O poder da Sua ressurreição aboliu o horror da morte, tornando-a temporal. Cristo fez a ligação entre este mundo e o vindouro. “O qual aboliu a morte, e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho” (II Timóteo 1:10).

Esse poder dissipa os horrores da morte e nos dá vitória sobre o pecado.

O apóstolo Paulo declarou: “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas, graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Coríntios 15:56-57).

Temos a promessa de perdão no poder da Sua ressurreição. Jesus “por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para a nossa justificação” (Romanos 4:25).

A liberdade só é completa quando recebemos a

força que destrói a culpa do pecado e neutraliza o seu poder. “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Romanos 5:10).

A salvação é a vida redimida através da vitória de Jesus Cristo no Calvário. “Portanto, pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25).

A promessa do poder que transformará nossos corpos mortais à semelhança do Senhor ressurrecto está na Redenção. É o que diz o Novo Testamento ao falar de “primícias” (I Coríntios 15:20).

O poder da Sua ressurreição é a única explicação para a existência da igreja cristã e para quantos conhecem Jesus como presença activa nas suas vidas. Só em Cristo ressurrecto e vivo se encontra razão dum Novo Testamento, de 2 000 anos da história da Igreja e de milhares de vidas transformadas.

Certo missionário que pregava na Índia foi interrompido por um muçulmano: “Nós temos prova de que a nossa religião é superior à vossa. Quando vamos a Medina sabemos onde se encontra o túmulo de Maomé. Mas os cristãos não sabem ao certo onde fica o sepulcro de Jesus em Jerusalém”.

“É verdade”, respondeu o missionário. “A razão é porque não temos um cadáver.”

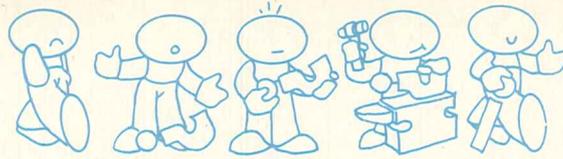
Mas temos um Senhor ressurrecto, um Senhor que vive. O Deus que O ressuscitou dentre os mortos oferece-nos a oportunidade de O conhecer e “o poder da Sua ressurreição” (Filipenses 3:10). □

—W. T. Purkiser



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.



DEUS FALA COM O SEU POVO

✓ Num estudo bíblico falou-se de Deus “permitir” ou “originar” os acontecimentos funestos. Alguns diziam que o Deus de amor não pode ser autor de tragédias, mas permite-as para bem. Outros defendiam que por Deus nos amar usava as tragédias para nos aproximar d’Ele. Para mim é importante o que acontece na terra, mas é mais alcançar o céu. Qual a sua opinião?

Eu penso que ambos os lados estão certos. Há tragédias que provêm da acção directa de Deus; quando Ele julga o Seu povo por causa do pecado e procura que ele se arrependa—ou quando julga os Seus inimigos. II Crónicas 7:12-22 é um exemplo. Esta passagem esclarece que a vontade de Deus “fechou os céus” e houve seca, “enviou gafanhotos” e tudo foi devorado, “transmitiu peste” ao Seu povo como castigo do pecado. Mas se ele se humilhar, deixar o pecado e orar, o Senhor perdoará e sarará.

Deus não só abriu o mar para os israelitas escaparem da escravidão, mas também o fechou para os egípcios perecerem afogados. “E o Senhor derribou os egípcios no meio do mar” (Êxodo 14:26-31).

Lucas 13:1-5 explica que até assassínios e morte accidental, não provenientes directamente de Deus, conduzem ao arrependimento e são avisos para os que assistem.

Por vezes uma tragédia pode ser proveniente de Deus e do homem, ao mesmo tempo. De acordo com Actos 2:23, Jesus foi “crucificado” por *mãos iníquas*—parte do homem; mas também “entregue” aos que O crucificaram pela *deliberação e presciência de Deus*—parte de Deus.

A Bíblia declara que o amor, a sabedoria e a justiça do Senhor são perfeitos, ainda que a nossa compreensão daquilo que Ele faz ou permite seja imperfeita. Deus não cria o mal, mas utiliza-o para bem. No meio da aflição contemplemos a cruz e reconheçamos que um Deus que nos ama, não pode ser injusto ou cruel.

✓ Surgiu na nossa classe da Escola Dominical uma pergunta referente às várias formas de Deus falar com o Seu povo: (1) através da Sua palavra; (2) das inspirações; (3) dos acontecimentos e circunstâncias da vida; (4) dos Seus ministros. A classe parece inclinada a crer que Deus só

fala por meio da Bíblia. Agradecia a sua resposta.

A Palavra de Deus elucida que o Senhor fala ao Seu povo por outros meios além da Bíblia.

São exemplo as palavras de Deus ao apóstolo Paulo: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (II Coríntios 12:9); não estavam na Escritura. Foi uma mensagem directa para Paulo, para ser ouvida e gravada na sua mente.

Jesus explicitou que Deus fala pelas tribulações para chamar ao arrependimento (Lucas 13:1-5). Deus falou em sonhos aos homens do Velho e do Novo Testamentos.

Ele é soberano e livre para fazer o que Lhe aprouver. Não vejo razão para negar que as vias antigas de comunicação ainda estejam abertas. Em várias ocasiões a voz de Deus para a minha vida chegou através da pregação e dos conselhos dum pastor.

Certamente, o que Deus comunica por outros meios não contradiz o que está na Bíblia. Ele não fala com ambiguidade.

✓ Jesus disse: “Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (João 14:14). Mas o certo é que não obtemos tudo o que pedimos, embora não peçamos coisas absurdas ou inconvenientes. Explique-me, por favor, este versículo.

O versículo 13 diz: “Tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho”. *Tudo quanto* (v. 13) ou *alguma coisa* (v. 14) estão limitados àquilo que glorifica o Pai. O v. 12 faz parte do contexto: “Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço”. É requisito as nossas obras condizerem com as de Cristo. Daí a promessa do verso 13 se aplicar ao crente que continua o ministério do Senhor neste mundo, glorificando o Pai.

Na Sua oração de Getsemane, Cristo recorda que todas as nossas preces são condicionadas: “Pai, se queres passa de mim este cálice, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42).

Na pergunta que você faz, parece insinuar que conhecemos “as coisas absurdas ou inconvenientes”. Será sempre assim? A nossa fé deve basear-se na sabedoria do Pai, naquilo que Ele nos dá ou, então, nega. □

Uma obra excepcional produzida pelo compositor R. W. Stringfield. O arranjo coral foi feito por Dick Bolks, músico consagrado.

Este lançamento de Lillenas vem enriquecer extraordinariamente a música do culto evangélico.



Preço U.S. \$2.50

Faça hoje a sua encomenda à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES